

Frente de atração parte em busca de antigo acampamento

Percorrer quase 80 quilômetros na companhia de índios Arara, visando recolher utensílios deixados há cinco anos em um acampamento habitado pelos indígenas antes de serem contatados pela Fundação Nacional do Índio (Funai). Essa será a tarefa de cinco integrantes da frente de atração da Funai baseada em Altamira, a cerca de 500 quilômetros de Belém. A excursão deverá ser longa, o que não é exatamente uma novidade para os sertanistas habituados a passar longos períodos no meio da selva amazônica. Afonso Alves da Silva, que há mais de 30 anos trabalha com índios, chefiará os integrantes da frente de atração. Durante mais de uma semana eles percorrerão, de barco e a pé, o trajeto de Altamira ao acampamento abandonado, a 40 quilômetros ao norte de Cachoeira Seca, no rio Iriri — um dos principais afluentes do rio Xingu.

No acampamento devem ser encontrados "dezenas de panelas, facões e outros brindes que nossos sertanistas deixavam nos tapiris, quando ainda estavam na fase inicial de contato com os índios, que agora pretendem aproveitar esses utensílios", disse Fiorelo Parise, assessor para Índios Isolados da 4ª Superintendência Regional da Funai, com sede em Belém e jurisdição sobre os Estados do Pará, Maranhão e Amapá. O primeiro estágio de contato dos índios isolados com os sertanistas da Funai é chamado de "fase de namoro". Nessa fase, sendo inevitável o contato físico e visual com os índios, são deixados presentes em tapiris armados no mato, "na área anteriormente identificada como de perambulação daquele grupo isolado", explicou Fiorelo Parise.

As panelas, assim como outros utensílios que possam ser aproveitados pelos índios em suas atividades de rotina, como facões, são os presentes mais constantes. A nova filosofia da Funai, no trabalho de proteção e contato dos índios isolados, segundo Fiorelo Parise, procura evitar os brindes "que possam descaracterizar a cultura tradicional do grupo, como miçangas, espelhos e apitos, que não têm qualquer utilidade prática, não têm outra função que não a de despertar a curiosidade do grupo recém contatado". Muitas vezes, entretanto, os sertanistas da Funai recebem sugestões dos próprios índios. João Evangelista de Carvalho, que na década de 40 fez parte da atração dos Urubu-Kaapor, no Maranhão, lembra que os índios Arara costumavam deixar, nos tapiris, objetos entalhados em madeira, representando o que

queriam ganhar.

Mito
Os índios Awá-Guajá, provavelmente a última tribo nômade isolada do Brasil em fase pré-agrícola, no Maranhão, "correm em desabalada carreira à simples aproximação de brancos", disse Fiorelo Parise. Para ele, o fato é um reflexo da situação em que se encontram esses índios, "acossados pelas frentes expansionistas que agem na região". Segundo o assessor, madeireiros e fazendeiros ocupam a área já reservada aos índios e os expõem a todo tipo de pressões, aumentando seu temor em relação à presença de brancos em suas terras.

A imagem de violento, selvagem e antropófago que boa parte da população brasileira tem dos índios não passa, para Fiorelo Parise e João Carvalho, de mito. Eles acreditam, entretanto, que de certa forma esse temor é retido, pelos brancos, no inconsciente, o que faria com que investissem "com menos ímpeto para invadir as terras dos índios e exterminá-los fisicamente". João Carvalho, inclusive, já foi flechado quando atuava na frente de atração dos Arara, em 1979, o que não o fez deixar de compreender o comportamento dos índios em relação aos brancos. "Ao contrário do que pensamos, que os índios isolados serão domesticados através do nosso trabalho, eles consideram estar nos amansando todas as vezes que vamos atraí-los". Os índios, segundo João Carvalho, têm pela cultura do branco a mesma curiosidade que o branco tem pela deles.

Nova filosofia

As equipes de localização, nova filosofia no trabalho das frentes, foram consolidadas pela Funai, desde o ano passado, em virtude de todos os prejuízos, de ordem física e cultural, que o contato acarreta aos índios. Como o próprio nome já indica, essas equipes localizam grupos isolados de índios e situam, exatamente, a área por onde andam, para que a Funai possa interditá-la até que levantamentos posteriores levem à demarcação e à regularização.

Existem, também, as equipes de vigilância, que atuam no sentido de preservar a área identificada ou demarcada, e as de contato. Fiorelo Parise disse, entretanto, que o contato, agora, é a última alternativa, só sendo efetivado caso os índios procurem os sertanistas da Funai ou se a preservação do grupo for indispensável. No final de 1987, a Funai criou a Coordenadoria de Índios Isolados, em Brasília, chefiada pelo sertanista Sidney Possuelo.



No contato, a primeira fase é 'de namoro'.

Documentação	
	INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTADÍSTICA
Fonte	O LIBERAL
Data	15/01/89
Pg	17
Class.	ARR 06 117